

Primeira Parte

Dizem que devemos cerrar fileiras quando as dificuldades chegam, e assim fizeram os brancos. Mas nós não estávamos nas suas fileiras. As damas da Jamaica nunca tinham dado a sua aprovação à minha mãe, «porque ela era muito como ela só», dizia Christophine.

Ela foi a segunda esposa do meu pai, jovem de mais para ele, pensavam elas, e, pior ainda, uma rapariga da Martinica. Quando lhe perguntei por que razão tão poucas pessoas nos visitavam, ela disse-me que a estrada de Spanish Town para a Fazenda Colibri, onde vivíamos, era muito má e que a reparação das estradas era agora coisa do passado. (O meu pai, as visitas, cavalos, sentir-me segura no meu leito — tudo pertencia ao passado.)

Num outro dia, ouvi-a conversar com o senhor Luttrell, nosso vizinho e único amigo dela. «Eles têm, é claro, as suas próprias desgraças. Continuam à espera das indemnizações que os Ingleses prometeram quando foi aprovada a lei de emancipação dos escravos. Alguns vão ter de esperar muito tempo ainda.»

Como podia ela saber que o senhor Luttrell haveria de ser o primeiro a cansar-se de esperar? Numa tarde serena, matou o cão a tiro, afastou-se a nado mar adentro e desapareceu para sempre. Não veio de Inglaterra procurador algum para cuidar da propriedade — Nelson's Rest, chamava-se ela —, mas vieram estranhos de Spanish Town bisbilhotar e discutir a tragédia.

«Viver em Nelson's Rest? Nem por amor nem por dinheiro. Um lugar desgraçado!»

A casa do senhor Luttrell permaneceu vazia, com as portinholas das janelas batendo ao vento. Não tardou que os negros dissessem que a casa estava assombrada. Ninguém se aproximaria dela. E ninguém se aproximaria de nós.

Acostumei-me a uma vida solitária, mas a minha mãe continuava a fazer planos e a esperar — talvez fosse forçada a ter esperança sempre que passava diante de um espelho.

Continuava a sair a cavalo todas as manhãs, sem se preocupar que os grupos de negros que por ali andavam se rissem dela, sobretudo quando as suas roupas de montar ficaram puídas pelo uso (reparavam nas roupas, sabiam tudo sobre dinheiro).

Mas um dia cedinho vi o cavalo dela deitado debaixo da árvore de frangipana. Aproximei-me dele mas não estava doente, estava morto, com os olhos negros das moscas. Fugi a correr e não disse nada, porque pensei que se não dissesse a ninguém talvez não fosse verdade. Mas nesse mesmo dia, mais tarde, Godfrey encontrou-o; tinha sido envenenado.

— Agora estamos perdidos — disse a minha mãe —, que vai ser de nós?

Godfrey disse:

— Não posso tomar conta do cavalo noite e dia. Eu muito velho agora. Quando os velhos tempos acabar, deixar acabar. Não valer a pena segurá-los. O Senhor não fazer distinção entre pretos e brancos, pretos e brancos a mesma coisa para Ele. Descanse em paz, pois os justos não serão abandonados.

Mas ela não podia. Era jovem. Como podia ela deixar de tentar lutar pelas coisas que tão de repente desapareciam, sem qualquer aviso?

— Só é cego quem quer — disse com ferocidade —, e só é surdo quem quer. Velho hipócrita — continuou. — Ele sabia o que eles iam fazer.

— O Diabo, príncipe deste mundo — disse Godfrey —, mas este mundo não dura assim tanto para o homem mortal.

Ela conseguiu convencer um médico de Spanish Town a visitar Pierre, o meu irmão mais novo, que coxeava ao andar e era inca-

paz de falar normalmente. Não sei que lhe disse o médico ou que lhe disse ela a ele, mas ele nunca mais voltou e depois disso ela mudou. De repente, não pouco a pouco. Tornou-se mais delgada e silenciosa, e por fim recusou-se por completo a sair de casa.

O nosso jardim era grande e belo como aquele jardim da Bíblia — ali crescia a árvore da vida. Mas tinha-se tornado selvagem. Os carreiros tinham sido invadidos pela vegetação e um odor de flores mortas misturava-se com o vivo perfume fresco. Sob os fetos, altos como numa floresta, a luz era verde. Floresciam orquídeas fora do nosso alcance ou que por qualquer razão se não podiam tocar. Assemelhava-se uma à serpente, outra a um polvo de longos braços delgados e escuros despidos de folhas e pendendo de uma raiz contorcida. Duas vezes por ano a orquídea tentacular florescia, e então não se via sequer uma polegada dos tentáculos. Era uma forma campanular de cor branca, malva, de púrpuras profundas, maravilhosa ao olhar. O perfume era muito doce e forte. Nunca me aproximei dela.

A Fazenda Colibri, por inteiro, tornou-se selvagem como o jardim, transformada em mato. A escravidão acabara — porque é que *alguém* haveria de trabalhar? Nunca me entristecia por isso. Não me lembro do lugar quando ele era próspero.

A minha mãe costumava caminhar de ponta a ponta do *glacis*, um terraço em declive, alpendrado e pavimentado, que corria ao longo da casa frente a uma elevação coroada por um matagal de bambu. De pé junto aos bambus, ela podia ver claramente o mar, mas arriscava-se a que quem quer que passasse ficasse de olhos arregalados para ela. Olhavam-na fixamente, riam por vezes. Muito tempo depois de o som, já longínquo, se ter tornado abafado, ela permanecia ainda de olhos fechados e mãos crispadas. Uma ruga surgia entre as suas sobrancelhas negras, profunda — podia ter sido aberta por uma navalha. Eu odiava aquela ruga, e uma vez coloquei-lhe a mão na testa, tentando torná-la lisa. Mas ela empurrou-me, não com brusquidão, mas calmamente, friamente, sem uma palavra, como se tivesse decidido de uma vez por todas que eu era inútil para ela. Queria ficar sentada com Pierre ou caminhar por onde lhe agradasse sem ser continua-

mente perturbada. Queria paz e tranquilidade. Eu já tinha idade para cuidar de mim. «Oh, deixa-me sozinha», diria, «deixa-me sozinha.» E quando percebi que falava alto consigo mesma passei a ter-lhe um pouco de medo.

E, assim, eu passava a maior parte do tempo na cozinha, que ficava num anexo exterior um pouco afastado. Christophine dormia num quartinho ao lado.

Quando chegava a noite, ela cantava para mim, quando estava de feição. Nem sempre conseguia entender as suas cantigas em crioulo — também ela viera da Martinica —, mas ensinou-me aquela que queria dizer: «Os miúdos crescem, os filhos abandonam-nos, voltarão eles?»; e aquela acerca das flores do cedro que apenas duram um dia.

A música era alegre, mas a letra muito triste, e a voz dela muitas vezes tremia e quebrava nas notas altas. «Adeus.» Não *adeus* como nós o dizemos, mas *a deus*, o que fazia mais sentido afinal. O homem apaixonado ficava sozinho, a moça era abandonada, os filhos nunca regressavam. Adeus.

As canções dela não eram como as da Jamaica, e ela não era como as outras mulheres.

Era muito mais escura — de um negro azulado e de rosto fino e feições corretas. Usava um vestido preto, pesados brincos de ouro e um lenço amarelo, cuidadosamente amarrado com as duas pontas para a frente. Nenhuma outra mulher negra vestia de preto ou amarrava o lenço à moda da Martinica. Tinha uma voz tranquila e um riso calmo (quando ria), e, embora soubesse falar inglês correto quando queria, e francês tanto como crioulo, preocupava-se em falar como falavam as outras. Mas nada tinham que ver com ela e ela nunca visitava o filho que trabalhava em Spanish Town. Apenas tinha uma amiga, uma mulher chamada Maillotte, e Maillotte não era da Jamaica.

As raparigas vindas dos lados da baía, que por vezes ajudavam a lavar a louça e a fazer limpezas, tinham-lhe terror. Era por isso, depressa o descobri, que vinham afinal, pois ela nunca lhes pagava. Apesar disso, traziam presentes de frutos e legumes, e ao escurecer muitas vezes eu ouvia vozes abafadas vindas da cozinha.

Por isso fazia perguntas a respeito de Christophine. Ela era muito velha? Tinha estado sempre connosco?

— Ela foi o presente de casamento que o teu pai me deu... um dos seus presentes. Ele achou que eu gostaria de uma criada da Martinica. Não sei que idade ela tinha quando a trouxeram para a Jamaica, era muito nova. Não sei que idade tem ela agora. Que interessa? Porque me aborreces com todas essas coisas que se passaram há já tanto tempo? Christophine ficou comigo porque quis ficar. Tinha muito boas razões para isso, podes ter a certeza. Arrisco-me a dizer que teríamos morrido se ela se tivesse voltado contra nós, e teria sido melhor sorte. Morrer e esquecerem-se de nós e ficar em paz. Desconhecer que fomos abandonados, enganados, sem ninguém para nos proteger. Todos os que morreram, quem é que agora diz uma só palavra a respeito deles?

— Godfrey também ficou — disse eu. — E Sass.

— Eles ficaram — respondeu ela, irritada — porque queriam um lugar qualquer para dormir e alguma coisa para comer. Esse rapaz, Sass! A mãe foi-se embora alegremente e deixou-o aqui, não lhe ligou nenhuma; também ele não passava de um esqueletozinho. Agora está a ficar um rapagão cheio de força, e lá vai ele embora. Não voltaremos a vê-lo. Godfrey é um velhaco. Essa gente de agora não é muito gentil com os velhos, e ele sabe. É por isso que ele fica. Não mexe uma palha, mas come tanto como um par de cavalos. Finge que é surdo. Não é nada surdo... o que não quer é ouvir. Que diabrete ele é!

— Porque não lhe dizes para arranjar outro lugar para viver? — perguntei, e ela riu-se.

— Não iria. Se calhar tentaria pôr-nos fora. Aprendi a deixar dormir aqui os cães vadios — disse ela.

«Se a mandasses, Christophine ir-se-ia embora?», pensei. Mas não o perguntei. Tive medo.

Fazia demasiado calor naquela tarde. Podia ver as gotas de suor no lábio superior dela e os círculos escuros debaixo dos olhos. Comecei a abaná-la com o leque, mas afastou a cabeça para o outro lado. Talvez pudesse descansar se eu a deixasse só — disse ela.